

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

CICLO III DE PSICANÁLISE

(TERÇAS FEIRAS ÀS 19H30)



O EU ENTENDIDO COMO COLCHA DE RETALHOS
DE PRECIPITADOS IDENTIFICATÓRIOS

Gabriela Birger

SÃO PAULO

MAIO DE 2021

“E pela lei natural dos encontros

Eu deixo e recebo um tanto”.

(Novos Baianos, Mistério do Planeta).

“A personalidade constitui-se e diferencia-se

por uma série de identificações”.

(Laplace, Vocabulário de Psicanálise).

I. Introdução.

Desde a mais tenra idade, o ser-humano parece debater-se com a questão “*quem somos nós?*” – resposta que, malgrado os inequívocos avanços das ciências exatas e humanas, e, ao que toca ao presente trabalho, anos de dedicação em terapias de psicanálise, parece simplesmente não ser alcançável.

A razão, desconfia-se, longe de enunciar descrédito às áreas de estudo mencionadas, antes, parece relacionar-se à impossibilidade (esta, sim) de encontrar uma resposta única e acabada à questão que se põe.

Isso pois, consoante será proposto no recorte análítico desse breve trabalho discursivo, o sujeito para a psicanálise, distante do pretenso caráter uno por muitos almejado, está mais próximo de um verdadeiro quebra-cabeças, composto por peças das mais diversas, e nem sempre coerentes, mas únicas em sua combinação.

Afinal, como se verá, a partir dos escritos de Freud e de alguns de seus comentadores, a própria constituição do *Eu* é fruto de processos identificatórios das

escolhas objetais do *Id*¹, que se perfazem pela identificação e introjeção de traços dos *outros*.

O eu pode então ser entendido como colcha de retalhos de precipitados identificatórios, e analisá-lo é um convite ao reencontro com a histórias das escolhas objetais e amores passados, e abandonados, ainda que *parcialmente*, pelo sujeito.

II. O conceito de Identificação para Freud.

Conceito fulcral para a compreensão da formação do *Eu*, não logrou ele obter uma definição sistemática no legado freudiano, tendo sido, mais largamente, abordado na obra “*Psicologia das Massas e a Análise do Eu*”, e então recuperado nos estudos de seus discípulos e comentadores.

A grosso modo, o termo identificação é “*empregado em psicanálise para designar o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam*”².

Nesse sentido, e como postulado por Freud, a identificação reside na mais primitiva forma de vínculo afetivo com um objeto, desempenhando, especialmente a partir da identificação primária com o *Pai da Horda Primeva*, importante função na história primitiva do Complexo de Édipo.

a. Os três tipos de identificação.

No capítulo VII da obra “*Psicologia das Massas e a Análise do Eu*”, que trata especificamente da identificação, Freud traz três formas de identificação: (i) a

¹“*Id ou Isso: Uma das três instâncias diferenciadas por Freud na sua segunda teoria do aparelho psíquico. O Id constitui o pólo pulsional da personalidade. Os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, por um lado hereditários e inatos e, por outro lado, recalçados e adquiridos. Do ponto de vista econômico, o id é, para Freud, o reservatório inicial da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o ego e o superego que, do ponto de vista genético, são as suas diferenciações*”. (LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário de Psicanálise. Ed. Martins Fontes. 4ª Edição. São Paulo, 2001, p. 219). ”

² Roudinesco, Elizabeth. Dicionário de Psicanálise, Op. Cit., p. 363.

identificação primária, (ii) a identificação regressiva e (iii) a identificação com as massas.

A identificação primária, notadamente vinculada ao Complexo de Édipo, traduz-se na idéia de incorporação do pai mítico e diz respeito à primeira fase de organização da libido – à fase oral –, sendo da ordem da incorporação, segundo a lógica canibalística, precedendo, portanto, à escolha de objeto.

A segunda, de ordem parcial, a identificação regressiva, já no campo das escolhas de objeto, por sua vez, consiste na regressão e incorporação de um traço distintivo simbólico do objeto abandonado.

Em terceiro lugar, a identificação com as massas pode ser entendida como uma qualidade compartilhada, responsável pelo fomento, de um lado, de um sentimento de fraternidade entre os membros de uma dada coletividade (identificação horizontal), e, de outro, pela criação de um Ideal de eu de cada sujeito que passa a ser ocupado pelo líder das massas (identificação vertical).

Mais tarde, intrinsecamente ligado ao conceito de identificação regressiva, discerniu-se o conceito de identificação histórica, também da ordem parcial, mediante o qual ocorre a identificação não tanto com um traço do objeto amado, mas com uma *emoção*; mais especificamente, há uma identificação com uma demanda retida, ou satisfação frustrado, razão pela qual diz-se que a identificação histórica decorre antes do desejo de manter-se o desejo insatisfeito

Ainda, merece destaque um quinto tipo de identificação, essa da ordem total com a imagem do objeto abandonado: na identificação narcísica – estruturante à melancolia – o *Eu* se identifica com a imagem (ou sombra) do objeto já perdido e desinvestido de toda a libido.

É como sintetiza Elizabeth Roudinesco, através de uma breve

retomada das categorias de identificação acima trazidas:

“Em primeiro lugar, ela (a identificação) é concebida como desempenhando “um papel na pré-história do complexo de Édipo”. Trata-se do estágio oral, o da incorporação do objeto segundo o modelo canibalesco, no qual Freud esclareceria um pouco depois, em O eu e o isso, que é difícil distinguir a identificação do investimento, diferenciar a modalidade do ser da modalidade do ter. O segundo caso é o da identificação regressiva, discernível no sintoma histérico, uma de cujas modalidades de formação constitui-se da imitação não da pessoa, mas de um sintoma da pessoa amada — Freud cita o exemplo de Dora (Ida Bauer), que imita a tosse do pai. Nesse caso, diz Freud, “a identificação toma o lugar da escolha de objeto, a escolha de objeto regride para a identificação”. Ele sublinha a esse respeito que, nessas situações, a identificação pode tomar emprestado “apenas um único traço da pessoa-objeto”; trata-se do famoso traço único (o einziger Zug).

Por fim, existe a **terceira modalidade**, aquela em que a identificação se efetua na ausência de qualquer investimento sexual. **Trata-se então do produto da “capacidade ou [da] vontade de colocar-se numa situação idêntica” à do outro ou dos outros. Esse caso de identificação produz-se, em especial, no contexto das comunidades afetivas.** É essa forma de identificação que liga entre si os membros de uma coletividade. Ela é comandada pelo vínculo estabelecido entre cada indivíduo da coletividade e o condutor das massas. Esse vínculo é constituído pela instalação deste último na posição de ideal do eu por cada um dos participantes da

*comunidade*³”.

Tais modalidades de identificação, evidentemente não exaurientes, prestam-se à compreensão do processo de constituição do *Eu*, que, na perspectiva freudiana, é adquirido, e fruto da incorporação de catexias objetais desinvestidas.

III. A identificação como dispositivo de constituição do sujeito

Mais do que um mecanismo psicológico dentre tantos outros, a identificação pode ser concebida como a principal operação psíquica pela qual o sujeito humano se constitui. Primeira forma de laço afetivo com o objeto, o mecanismo de identificação é nodal à compreensão do processo de formação do *Eu*, mediante o qual, em resposta ao abandono da perda do objeto, ocorre a regressão libidinal ao investimento no ego.

Assim, e visto que, logo de início, o sujeito, ainda na fase oral, apenas sabe se relacionar com o mundo e os *outros* através de processos orais – via incorporação, engolindo-o, portanto – a identificação serve como forma de proteger o ego do esvaziamento libidinal, na medida em que o investimento objetal se transmuta em investimento do ego via introjeção do objeto abandonado.

Dito de outra forma, o próprio narcisismo – essencial à formação do *Eu* – não está imune à influência de traços de modelos frutos das primeiras identificações da fase oral do sujeito pelos mecanismos de incorporação, já que o investimento libidinal no ego se apropria da energia desinvestida que antes pertencia à ligação com o objeto com o qual se está identificado.

Sobre o desenvolvimento de constituição do *Eu* à luz dos processos identificatórios, assim anotando a recorrência do dispositivo que antes julgava ser particular à melancolia, Roudinesco comenta sobre o legado de Freud:

³ Roudinesco, Elizabeth. Dicionário de Psicanálise. Ed. Zahar, Paris, 1998.p. 364/365.

*“O eu é afetado, enfim, em sua própria constituição, pelo processo de identificação: em alguns casos, pode trazer a marca, traço único, de uma relação com um outro. A identificação com esse traço pode levar à transformação do eu segundo o “modelo” desse outro. **Aproximando o que antes escrevera sobre a melancolia dos processos “normais” de abandono/substituição de objetos de desejo, Freud afirma ali que a cada vez que a falha identificatória (perda do objeto) se manifesta, uma alteração se produz no eu, deixando nele uma marca, pela introjeção aí daquele objeto. A frequência com que isto ocorre leva-o então a “supor que o caráter do eu é um precipitado de investimentos de objeto abandonados e que ele contém a história dessas escolhas de objeto**”⁴.*

É dizer, em menor ou maior grau, tendo evoluído em seus estudos e observações clínicas, Freud pôde concluir que a identificação narcísica apreendida nas estruturas melancólicas é também comum e manifesta no processo de formação do Eu, já que este se constitui por apoio às escolhas objetais amadas (e abandonadas, ainda que parcialmente).

a. A formação do eu à luz do abandono das catexias objetais e processos identificatórios para satisfação das exigências do Id.

Dando prosseguimento, como enuncia Roudinesco ao comentar Freud, *“de maneira mais ou menos sistemática, todo abandono do objeto sexual traduz-se por uma modificação do eu, que, como na melancolia, apropria-se do objeto por identificação*⁵*”.*

Sob a perspectiva freudiana, por conseguinte, o Eu é instância

⁴ Roudinesco, Elizabeth. Op. Cit., p. 211.

⁵ Roudinesco, Elizabeth. Op. Cit., p. 215.

adquirida, composto de precipitados identificatórios resultantes do abandono de catexias objetais; donde a compreensão do desenvolvimento egóico implica a aceitação do emblemático processo de substituição de um investimento objetal por uma identificação.

Esse processo, diz Freud, é suficientemente frequente para *“concebermos que o caráter do eu resulta da sedimentação dos investimentos objetais abandonados pelo Id e ele contém a história dessas escolhas de objeto⁶”*.

Com efeito, o investimento objetal parte do *Id*, concebido como o grande reservatório da libido, e seu inevitável retorno ao ego, através do processo de identificação e incorporação de traços do objeto amado, é, quiçá, a melhor solução para, ao mesmo tempo, atender aos desígnios do *Id*, e abandonar (ainda que parcialmente, via introjeção) a fixação objetal, diante da frustração impelida pela não realização (princípio da realidade). É como ensina Freud:

“Quando acontece uma pessoa ter de abandonar um objeto sexual, muito amiúde se segue uma alteração de seu ego que só pode ser descrita como instalação do objeto dentro do ego, tal como ocorre na melancolia; a natureza exata dessa substituição ainda nos é desconhecida. Pode ser que, através dessa introjeção, que constitui uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o ego torne mais fácil ao objeto ser abandonado ou torne possível esse processo. Pode ser que essa identificação seja a única condição em que o id pode abandonar os seus objetos. De qualquer maneira, o processo, especialmente nas fases primitivas de desenvolvimento, é muito freqüente, e torna possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais

⁶ FREUD, S. (1923). O eu e o Id. In: O eu e o Id, uma Neurose Demoníaca do século XVII e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 43/44.

abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto.

*Naturalmente, deve-se admitir, desde o início, que existem diversos graus de capacidade de resistência, os quais decidem até que ponto o caráter de uma pessoa desvia ou aceita as influências da história de suas escolhas objetais eróticas. (...) Tomando-se outro ponto de vista, **pode-se dizer que essa transformação de uma escolha objetual erótica numa alteração do ego constitui também um método pelo qual o ego pode obter controle sobre o id, e aprofundar suas relações com ele - à custa, é verdade de sujeitar-se em grande parte às exigências do id. Quando o ego assume as características do objeto, ele está-se forçando, por assim dizer, ao id como um objeto de amor e tentando compensar a perda do id dizendo: 'Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto'"**⁷.*

De todo modo, para entender a razão pela qual o *Id* deve, para viabilizar a formação do *Eu*, forçosamente abandonar os objetos desejados, resulta necessária uma breve recapitulação do processo de identificação primária à luz da entrada no Complexo de Édipo, tendo, logicamente como premissa, que as instâncias psíquicas, em que pese diferenciadas do *Id*, são especificadas pelas identificações dele derivadas.

IV. O Supereu como produto da identificação primária com o modelo paterno: Complexo de Édipo.

Como se está aduzir, o *Eu* é um complexo de precipitados identificatórios das escolhas objetais que são realizadas ao longo da vida do sujeito. Certo é que, inequivocadamente, as primeiras identificações – as da primeira infância – têm um caráter geral e duradouro, e uma delas, em específico, a *primeira*, é

⁷ Freud, S. O Ego e o Superego (Ideal do Ego), Obras Completas. Vol. XIX. Cap. III. Págs. 41 a 51. Imago, 1996.

responsável pela mais importante identificação do sujeito, eis que conduz ao nascimento do Ideal do Eu fruto da identificação com o modelo paterno.

Relembre-se, pois, que a identificação primária (de caráter canibalista e incorporativo) é a identificação do *Eu* com o *pai primevo*, a qual, no espectro temporal, precede qualquer catexia objetal, posto tratar-se de uma identificação direta e imediata com o pai.

Mas não é só: produto da primeira identificação, o *Supereu* (que vem substituir a noção de Ideal do Eu), na condição de herdeiro do Complexo de Édipo, consiste no produto da alternância entre a identificação com o ideal (modelo paterno) e a escolha objetal (a mãe). Marcado pela ambivalência, existe, de um lado, a catexia de objeto sexual direta com a mãe e, de outro, a identificação com o pai como ideal.

Entretanto, com o desenrolar da estruturação psíquica, esses dois laços se reúnem e sua convergência resulta no Complexo de Édipo, de modo que – limitando-se, aqui, às observações clínicas do sexo masculino – o menino começa a perceber o pai como um obstáculo entre ele e a mãe, passando sua identificação com o pai a ter conotação hostil, pois deseja substituí-lo também junto à mãe.

O emaranhado de laços que se constitui por estas múltiplas incorporações das quais o sujeito é precipitado, está, entretanto, sujeito a uma instância reguladora e seletiva, o *Supereu*, a qual vem a se estabelecer em substituição aos vínculos ambivalentes que a criança mantinha com os seus pais, exercendo a função de apontar ao resto do *Eu* as interdições, censuras, regras morais e o sentido de realidade.

Daí porque, evidente a conotação ambivalente constante no *Supereu* – instância reguladora e seletiva, a qual vem a se estabelecer em substituição aos vínculos ambivalentes que a criança mantinha com os seus pais – que não apenas

exerce a função de apontar ao *Eu* as interdições, censuras, regras morais e o sentido de realidade, como também é ideal a se atingir.

Assim, dada sua herança do Complexo de Édipo, o *Supereu* é não só o resultado da identificação primária com o modelo paterno, como um dos mais exemplares processos de “formação reativa” às escolhas objetais do *Id* (desejo incestuoso pela mãe), donde marcante sua natureza ambivalente amiúde exposta:

“O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego. O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: ‘Você deveria ser assim (como o seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘Você não pode ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.’ *Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve a sua existência*⁸”.

Ainda, para Laplanche:

“Os efeitos do Complexo de Édipo sobre a estruturação do sujeito são descritos em termos de identificação: os investimentos nos pais são abandonados e substituídos por identificações. (...) Uma vez destacada a

⁸ Freud, S. Op. Cit. (“O Ego e o Superego”).

*fórmula generalizada do Édipo, Freud mostra que essas identificações formam uma estrutura complexa na medida em que o pai e a mãe são, cada um por sua vez, **objeto de amor e de rivalidade**. Aliás, **é provável que esta presença de uma ambivalência em relação ao objeto seja essencial à constituição de qualquer identificação***⁹.

Destarte, afigura-se fundamental à compreensão da ambivalência estruturante da constituição psíquica do *Eu*, o entendimento de que ele, em sua origem, tem por precipitado, via identificação primária, um ideal marcado pela duplicidade mandamental, já que – no tocante ao sexo masculino – ao mesmo tempo em que o modelo paterno é introjetado, e deve ser seguido pelo jovem menino, não pode ser almejado, pois implicaria na consecução do incesto (é o pai quem *possui* a mãe).

V. O Manejo da identificação em análise.

A par da manifesta contribuição do conceito de identificação à compreensão da constituição do *Eu*, em processo de análise, o manejo dos processos identificatórios – e a identificação das escolhas objetais – é dispositivo de grande serventia ao entendimento dos sintomas e diminuição de sofrimento do sujeito analisado.

Seguramente, um dos grandes desafios de todo aquele que se submete ao processo analítico reside na dificuldade encontrada (e resistida) de discernir *o eu do outro*; é dizer, aqueles traços, pelo próprio sujeito apreendidos como repulsivos, mas que, alojados no inconsciente, não permitem o conhecimento de sua origem, que, muitas vezes, remonta ao mecanismo de identificação com modelos paternos e repetição de atributos tidos por negativos.

⁹ Laplanche, Vocabulário da Psicanálise. Op. Cit., p.

Ademais, e não por via direta da introjeção, merece destaque um outro tipo de identificação, a *projetiva* – termo bastante desenvolvido por Melanie Klein – cuja estrutura diz respeito ao mecanismo de defesa da projeção, em que, as fantasias não realizadas (o desejo não suportado) são expulsas e projetadas no outro, para então, mediante identificação, serem novamente incorporadas e sentidas como próprias do *Eu*, de uma maneira francamente persecutória (o inimigo torna-se ubíquo).

Realmente, e, se por um lado, não se afigura possível – ao menos nem sempre – a *desidentificação* em análise, na medida em que o *Eu*, como nesse trabalho brevemente arguido, consiste em um precipitado adquirido de escolhas objetais identificatórias (donde o próprio eu se confunde com os tantos outros), por outro lado, é evidente que, ao se trazer para o consciente, o sujeito tem maior propensão a discernir e ser mais cuidados com as identificações, forte na premissa de que é sempre mais difícil integrar o desconhecido.

BIBLIOGRAFIA

Roudinesco, Elizabeth e PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise.* Ed. Zahar, Paris, 1998.

Freud, S. *O Ego e o Superego (Ideal do Ego).* Obras Completas. Vol. XIX. Cap. III. Págs. 41 a 51. Imago, 1996

Freud, S. (1923a) *O ego e o id.* In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NASIO, J. D. *Lições Sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise.* Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1997.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise.* Ed. Martins Fontes. 4ª Edição. São Paulo, 2001.